

AS UNIVERSIDADES DA INGLATERRA E DE GALES

Dr. J. A. Lauwerys
Trad. Paulo Mendes Campos

CBPE/1962.

AS UNIVERSIDADES DA INGLATERRA E DE GALES

Qual seria o melhor modo de descrever-lhes as Universidades de minha terra? Quais as características que as distinguem de Universidades de outros países? Liberdade e diversidade. Não existem duas Universidades exatamente iguais, nenhuma delas está sob qualquer espécie de controle do Estado. São todas instituições privadas, mas todas dependem, em grande parte de subsídios governamentais. E todas seguem um padrão muito tradicional - creio que Oxford e Cambridge são as Universidades mais conservadoras do mundo ocidental. Entretanto, sob muitos aspectos, são tão pouco ortodoxas e tão progressistas quanto qualquer Universidade do Centro-Oeste da América do Norte. Mas isso é um monte de contradições !

De início, quero restringir-me estritamente a fatos. Temos, na Inglaterra e em Gales, 21 Universidades. Há quatro na Escócia, e uma na Irlanda do Norte. O número é realmente muito pequeno. Este ano, temos 88.000 estudantes universitários, o que é pouquíssimo para uma população de 50 milhões. A proporção de estudantes no total da população é muito menor do que em qualquer parte da América do Sul ou da Europa, e apenas uma oitava parte da dos Estados Unidos. Nosso ideal é de qualidade, não de quantidade - ainda que isso possa ser um erro no mundo moderno. Cerca de 80 por cento de nossos estudantes universitários recebe bolsas ou auxílio do Governo: nossa seleção é feita mais na base de capacidade do que de posição social ou fortuna. Nosso sistema é muito democrático, oferecendo igual oportunidade a todos os homens e mulheres de talento. Cerca de metade de nossos estudantes se dedica a Artes e Letras, a outra metade à Ciência e Tecnologia. Sem dúvida, a proporção está errada. Deveríamos ter três ou quatro vezes mais tecnologistas e cientistas, mas não sabemos bem como expandir-nos sem perda de qualidade, nem como alterar a proporção das Letras para a Ciência. Uma quarta parte de nossos estudantes vive como internos nas escolas e alojamentos, uma quarta parte mora em casa, e a metade restante em pensões.

Isto quanto às cifras, a que procurarei dar vida. Em primeiro lugar, peço que se lembrem de que temos, na realidade, três espécies de Universidades. Há Oxford e Cambridge, universidades muito antigas e respeitáveis, para onde, desde muito tempo, nossas classes dominantes enviavam seus filhos - instituições que ainda gozam de alto prestígio e capazes de selecionar seus estudantes dentre os rapazes e moças mais talentosos e inteligentes de nossas escolas. Em seguida, há Londres, única no gênero, e cosmopolita; a maior Universidade no Commonwealth Britânico, com mais de 20.000 estudantes: uma federação ou união de escolas independentes e autônomas que, em qualquer outra parte, seriam consideradas universidades. Em terceiro lugar, há as chamadas Universidades provinciais como Birmingham, Leeds ou Manchester, antigas escolas municipais de Artes e Tecnologia que se desenvolveram.

Oxford e Cambridge estabeleceram o padrão para todas as outras. São controladas e governadas inteiramente pelos seus professores: o Estado é mantido afastado, sendo-lhe permitido apenas pagar parte do custo de manutenção, mas proibido de interferir. Ambas, Oxford e Cambridge, consistem cada uma de 20 ou 30 escolas independentes, ciosas de sua liberdade. Cada escola decide que estudantes admitir, que matérias ensinar, e como ensiná-las. Em cada uma delas há cursos de Ciência, Filosofia, Literatura, Línguas, às vezes Direito e Medicina - se há dinheiro para pagar os professores. A Universidade, propriamente dita, limita-se a organizar exames, conceder graus e diplomas, distribuir verbas e concessões. As escolas consideram-se como comunidades de estudantes de curso superior ou professores, e estudantes de curso inferior ou alunos, morando juntos sob o mesmo teto, pesquisando e buscando a verdade como em um empreendimento coletivo.

Este é o modelo que todas as outras Universidades procurem seguir. Londres, por exemplo, tem sessenta ou setenta escolas independentes, cada qual impondo suas condições de admissão, seus padrões e métodos pedagógicos, seus sistemas e regulamentações, cada qual determinando sua própria taxa escolar. Algumas só aceitam estudantes de um

sexo, outras são mistas; algumas são residenciais, outras não. Uma, Birkbeck College, de Londres, é uma instituição exclusivamente noturna, só admitindo como estudantes homens e mulheres que trabalhem durante o dia todo em seus empregos. A própria Universidade não mantém curso algum, mas apenas estabelece as provas de exame, concede graus e distribui auxílio financeiro. Todo o ensino é da alçada exclusiva das escolas e se processa nos seus recintos.

Quanto às Universidades Provinciais, elas também, seja qual for sua origem, tentam copiar o mesmo modelo. Tome-se, por exemplo, Nottingham, uma cidade industrial no interior. Seu campo universitário é dos mais lindos da Inglaterra, em meio de prados e bosques, descortinando o vale do Rio Trente. Suas belas e modernas construções foram edificadas com dinheiro doado em parte por uma grande companhia farmacêutica, em parte pelas autoridades municipais. Mas, agora, nem uma nem outra tem voz ativa na organização: os próprios professores são o poder supremo.

Nossos estudantes universitários, naturalmente, vêm de escolas públicas de ensino secundário ou de colégios particulares. Aos 18 anos, prestam um exame denominado Certificado Geral de Educação, Nível Superior. Aos melhores é oferecido auxílio, quer pelas Universidades, quer pelo Governo ou por autoridades locais, um auxílio suficientemente vultoso para pagar anuidades e sustento nas Universidades. Isso se aplica a quatro em cada cinco estudantes. Os outros, menos brilhantes, têm pais bastante ricos para custear-lhes os estudos e a permanência na universidade. Tradicionalmente, os rapazes e moças mais bem dotados preferem Oxford ou Cambridge, os melhores que vêm em seguida vão para Londres, e os outros para as universidades provinciais. Convém notar, no entanto, que, de fato, todos eles são academicamente brilhantes. Nesse estágio, têm que decidir que matérias vão estudar: digamos, francês, e espanhol e latim subsidiários; física e matemática; química e física; e assim por diante. O padrão em geral consiste de uma matéria principal e uma subordinada, mas tampouco para isso há regras severas e rígidas, e os estudantes gozam de muita liberdade na escolha e combinação de matérias. Durante três

ou quatro anos ouvem proleções, trabalham em laboratórios e bibliotecas, participam de debates, seminários e grupos proceptoriais, e consultam individual e periodicamente seus preceptores. Estes últimos são professores ou prolecionadores que supervisionam, cada um, doze a quinze estudantes, travando com eles contato pessoal e aconselhando-os em problemas tanto individuais quanto educacionais, passando-lhes exercícios e planos de pesquisa, discutindo com eles erros e dificuldades. Na realidade, o preceptor representa, uma combinação paternal de amigo-mentor-professor-pai; e por ser tudo isso, está em posição privilegiada para dirigir os estudos de seus pupilos de forma a satisfazer as necessidades individuais e intelectuais de cada estudante. Assim, a impossibilidade da grande sala de aula ou do anfiteatro repleto é mais do que compensada pela relação que o preceptor estabelece com o aluno e seu interesse por ele.

Muito trabalho duro é realizado, mas há também distrações - esportes, jogos, agromiações; há debates sobre religião, política, filosofia; há festas e bailes. As provas só se realizam no fim do curso, depois de três ou quatro anos. As "finais" são duras e rigorosas - pelo menos seis, talvez mais, provas escritas, cada qual de três horas.

Neste ponto, creio que convém falar um pouco mais sobre o financiamento das Universidades. Há 50 anos, eram totalmente financiadas pelo dinheiro obtido das propriedades e terras que lhes pertenciam, e pelas anuidades pagas pelos estudantes. Mas infelizmente impostos punitivos e a inflação modificaram tudo isso. O Governo teve que intervir para salvá-las da falência. O ano passado, nosso Ministério das Finanças, isto é, o Tesouro, pagou mais de dois terços das despesas de manutenção de nossas Universidades. Destroí isso nossa independência? De forma alguma. Inventamos e impusemos ao Governo um engenhoso mecanismo a que chamamos Comitê de Auxílios Universitários, formado por professores de todas as nossas universidades, uma espécie de Super Senatus Academicus. O Governo entrega uma quantia maciça e não pede nenhuma prestação de contas. O Comitê, então, distribui as verbas. Assim é que preservada e defendida a liberdade acadêmica.

Este é, pois, um esboço rápido do que são as nossas Universidades. Não lhes falei do trabalho de pesquisa que está sendo realizado em nossas bibliotecas - o maior do mundo - nem dos nossos laboratórios que já deram tantas contribuições ao progresso: energia atômica, televisão, penicilina, motores a jato, drogas de sulfanilamida e D.D.T.. E, nem lhes transmiti o entusiasmo, a sensação de aventura que é estudar em um lugar como a Universidade de Londres, onde eruditos e estudantes de todas as raças e de todos os países, alguns trajando vistosos sarís, outros de turbantes, outros ainda com as roupagens açafraão de monges budistas, reúnem-se para compartilhar a busca da liberdade e da verdade; e onde a gente encontra homens e mulheres mundialmente famosos em ciências, letras e artes.